

15 JUL 1985
**Em elaboração,
 o "sarneísmo"**

O ativo e articulado Ministro José Hugo Castelo Branco, do Gabinete Civil, disparou telefonemas, na semana passada, pedindo a seus colegas de Governo o resultado do inventário da situação financeira dos seus ministérios cobrada pelo Presidente Tancredo Neves em seu discurso do dia 17 de março, lido pelo então Presidente em exercício José Sarney. Recolhido ao Hospital de Base de Brasília, onde dois dias antes sofrera a primeira de uma série de sete operações, o Presidente enfermo exigiu, no discurso que não pôde ler, que seus auxiliares ocupassem os 90 dias iniciais de sua administração em fazer um rigoroso balanço do que acabavam de herdar do Governo Figueiredo. Que plano algum fosse anunciado durante esse período, determinou o Sr Tancredo Neves. "É proibido gastar", ordenou.

Os telefonemas do Chefe do Gabinete Civil resultaram em uma rala colheita de dados. Morto o Presidente eleito, alterado radicalmente o quadro político do país, os ministros não providenciaram o inventário pedido. Tampouco foi respeitada a ordem de que era proibido gastar — calculam assessores do Ministro Francisco Dornelles que já foram gastos, desde então, quase 40 trilhões de cruzeiros, mais de 17 somente com a agricultura. O discurso que o Sr Sarney leu na primeira reunião ministerial do que deveria ter sido o início do Governo do Sr Tancredo Neves pode, hoje, ser arquivado como peça reservada à curiosidade dos historiadores no futuro. Dentro do Palácio do Planalto, aliás, não recomenda bem ressuscitar-se coisas como essa.

Mas às vésperas da fala à nação do Presidente Sarney, marcada para a próxima segunda-feira e cercada, desde já, pela expectativa de que poderá assinalar o início, de fato, do seu Governo, a lembrança de um discurso que precocemente parece sepultado junto com seu autor pode servir, quando nada, para mostrar como o tempo passa veloz em um país tão jovem como o nosso; como as promessas se alteram, os enfoques se transformam, as propostas mudam de direção. A lembrança do discurso pode servir, principalmente, para provar que o **tancredismo** está morto e que o Presidente Sarney tenta elaborar algo para pôr no seu lugar. Disso desejará dar notícia dentro de uma semana, embora os indícios que permitem antecipá-lo estejam por aí disponíveis.

O pronunciamento de 17 de março apontou os dois caminhos que o Presidente Tancredo Neves pretendia trilhar: "Rigorosa austeridade nos gastos públicos e prioridade no combate à inflação". A certa altura dele, o Presidente foi enfático: "Não abrirei mão da posição de condutor da política econômica do Governo e não permitirei que o ministério se divida em dois: os comprometidos com a austeridade e os comprometidos com os gastos". Disse, mais adiante: "O povo entenderá que há uma considerável diferença entre o que o Presidente quer e o que ele pode fazer, especialmente nessa fase de recursos escassos, de déficits nas contas internas e externas, de limitações de toda espécie. (...) Não pode haver desenvolvimento se não for controlado, de pronto, o processo inflacionário".

A "rigorosa austeridade nos gastos públicos" cedeu lugar a uma política mais liberalizante, responsável, por exemplo, pela injeção de recursos do Governo para tentar salvar um banco falido no Rio Grande do Sul, o Ministro Dornelles chegou a indicar, recentemente, o nome de um técnico para presidir o Banco Meridional, resultado da estatização dos grupos Habitasul e Sul-brasileiro. O Presidente Sarney desculpou-se com seu Ministro porque fora obrigado a ceder a pressões políticas e nomear para o cargo o Deputado Sinval Guazelli. Pediu-lhe que indicasse nomes para a diretoria. O Sr Dornelles recusou-se a fazê-lo.

A "prioridade no combate à inflação" foi substituída por uma política, ainda a ser testada, que procurará combinar uma taxa anual de 200% de inflação com um crescimento econômico de 5%. As expressões "recursos escassos", "déficits nas contas internas e externas" não freqüentariam mais o vocabulário do Presidente Sarney, que pregou a necessidade de se acabar "com a neurose do déficit público, expansão da base monetária, alta da taxa de inflação". Os Srs Tancredo Neves e José Sarney reencontram-se no compromisso com a plena redemocratização do país, reafirmado no discurso do dia 17 de março, acelerado e aprofundado na prática do Governo que verdadeiramente se instalou no Palácio do Planalto.

Entre o discurso ao qual emprestou sua voz e o que se ocupa, nesses dias, em rascunhar, o Presidente Sarney escolheu o seu próprio caminho, fruto de suas convicções pessoais e da necessidade que tem de ampliar sua base de apoio político. Se a simplificação fosse permitida nesses casos, poderia ser dito que assim como ele está muito mais para Sayad do que para Dornelles, distancia-se do Sr Tancredo Neves e aproxima-se do Sr Juscelino Kubitschek, que tanto combateu quando integrava a bossa nova da UDN. A fala do próximo dia 22 mostrará a opção do Presidente e poderá provocar, mais adiante, alterações no seu quadro de auxiliares só previstas, inicialmente, para acontecer em meados de 1986.

Ricardo Noblat